



PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO AO HIV (PREP): ESTUDO DE PERSPECTIVA EM ACADÊMICOS DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE EM UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DE ENSINO SUPERIOR DO INTERIOR DE RONDÔNIA

PRE-EXPOSURE HIV PROPHYLAXIS (PREP): PERSPECTIVE STUDY IN HEALTH SCIENCES ACADEMICS AT A PRIVATE HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN THE INTERIOR OF RONDÔNIA



10.31072/rcf.v12i1.927

Lucas Silva Mantovanelli



Bacharel em Farmácia pela Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA/RO. E-mail: lucasmantovanelli1997@gmail.com.

Bárbara Ellen L. R. Vilas Boas



Bacharel em Farmácia pela Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA/RO. E-mail: barbara.ellenro@gmail.com.

Laisa Maria Lessa Previdi



Bacharel em Farmácia pela Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA/RO. E-mail: laiisa_previdi@hotmail.com.

André Tomaz Terra Júnior



Doutor em Morfologia e Medicina Experimental pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP/RP, Coordenador e Professor Titular do Curso de Farmácia - FANORTE. E-mail: andretomazfaema@gmail.com.

Submetido: 30 out. 2020.

Aprovado: 17 dez. 2020.

Publicado: 31 mar. 2021.

E-mail para correspondência:
lucasmantovanelli1997@gmail.com

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais. Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Resumo: No Brasil, a epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) está concentrada em alguns grupos de risco específicos, que correspondem à maior incidência dos casos, como gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH's), pessoas trans e profissionais do sexo que registraram 65% dos casos em 2017, pensando reduzir o número de infecções pelo HIV, cientistas conseguiram produzir drogas capazes de proteger as células do ataque destes vírus. Essa estratégia é chamada de Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP), é uma associação de dois antirretrovirais que se mostraram seguros em pessoas com maior risco de adquirir a infecção. O objetivo desse estudo foi avaliar a perspectiva dos acadêmicos das ciências da saúde a respeito da PrEP. Trata-se de um estudo epidemiológico observacional quantitativo de caráter descritivo que foi realizado através de questionário autoaplicativo em uma instituição de ensino superior no município de Ariquemes - RO. Os dados foram analisados através do software Microsoft Office Excel 2013®. Os resultados mostraram que a maioria dos estudantes são do curso de Bacharelado em Farmácia (51%), e observou-se que a maioria dos participantes (81%) nunca foram informados sobre esse método de prevenção, 41% não usariam PrEP, 22% abandonariam o uso do preservativo se utilizassem PrEP e 49% não acreditam na eficácia do antirretroviral. Constatou-se relevantes os dados alcançados, mostrando a carência de informação sobre métodos preventivos ao HIV. Faz-se necessário que haja divulgação da PrEP pelo Ministério da Saúde, principalmente aos grupos com maior risco de infecção, colaborando assim com as políticas públicas de saúde.

Palavras-chave: Antirretrovirais. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Fármacos Anti-HIV. Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Abstract: In Brazil, the Human Immunodeficiency Virus (HIV) epidemic is concentrated in some specific risk groups, which correspond to the highest incidence of cases, such as gay men and other men who have sex with men (MSM), transgender people and sex workers. who registered 65% of cases in 2017, thinking of reducing the number of HIV infections, scientists have been able to produce drugs that can protect cells from attack by these viruses. This strategy, called HIV Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP), is an association of two antiretrovirals that have been shown to be safe in people at higher risk for infection. The aim of this study was to evaluate



the perspective of health sciences scholars on PrEP. This is a descriptive quantitative observational epidemiological study that was carried out through a self-administered questionnaire at a higher education institution in the municipality of Ariquemes - RO. Data were analyzed using Microsoft Office Excel 2013® software. The results showed that the majority of the students are from the Pharmacy Baccalaureate course (51%) and it was observed that the majority of the participants (81%) were never informed about this prevention method, 41% would not use PrEP, 22% would drop out. Condom use if using PrEP and 49% do not believe in the effectiveness of antiretroviral. Relevant data were found, showing the lack of information on HIV prevention methods. It is necessary to have PrEP disclosed by the Ministry of Health, especially to groups at higher risk of infection, thus collaborating with public health policies.

Keywords: Anti-Retroviral Agents. Sexually Transmitted Infections. Anti-HIV Agents. Acquired Immunodeficiency Syndrome.

Introdução

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) é um vírus de RNA e está classificado na família *Retroviridae* (retrovírus) e subfamília *Lentiviridae*, sendo o causador da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), que afeta principalmente as funções imunológicas do organismo e sua capacidade de defesa contra microrganismos infecciosos. Essas funções são abaladas, pois o HIV atinge diretamente os linfócitos T CD4+, onde altera o DNA desta célula e realiza cópias de si mesmo. Em seguida, rompe os linfócitos e infectam outros, dando continuidade à infecção ⁽¹⁾.

No Brasil, os grupos de maior prevalência da infecção por HIV são homossexuais, homens que fazem sexo com homens (HSHs), pessoas trans e profissionais do sexo, além de adolescentes e jovens. Esses grupos de pessoas também respondem ao maior número de casos que acabam desenvolvendo a infecção ⁽²⁾.

Torna-se possível o paciente ser infectado e não desenvolver a doença, o que não o isenta de transmitir o vírus a outros indivíduos. Quem desenvolve a doença acaba tendo os sistemas imunológico e linfático como os mais afetados, tendo em vista que a carga viral na corrente sanguínea é elevada, o que acaba tornando o indivíduo suscetível a neoplasias e infecções, tais como a tuberculose, neurotoxoplasmose e pneumonia. Além disso, o Sistema Nervoso Central (SNC) também pode ser fortemente comprometido, uma vez que o vírus é neurotrópico e,



pela dificuldade de penetração local de drogas antirretrovirais, acaba desenvolvendo diversos problemas neurológicos no paciente ^(3,4).

A transmissão do vírus ocorre através do sexo desprotegido, seja vaginal, anal ou oral, do contato direto com sêmen, leite materno e secreções vaginais, seringas compartilhadas, transfusão de sangue contaminado, transmissão vertical (da mãe para o feto durante a gestação), sendo impossível por meio de saliva, abraços ou alimentos. Mesmo que não haja o conhecimento do tempo exato de sobrevivência do HIV fora de células hospedeiras, compreende-se que esse período é muito curto, ou seja, em exposição ao ambiente externo o vírus perde sua capacidade de infecção ⁽⁵⁾.

Nos últimos anos, surgiram novas estratégias para o enfrentamento do HIV, entre elas diversas profilaxias comprovadamente eficazes, tais como os preservativos masculinos e femininos ⁽⁶⁾. Entre as estratégias de prevenção, destaca-se a profilaxia pré-exposição (PrEP), que trata-se da combinação de dois medicamentos (tenofovir 300mg e entricitabina 200mg), que trabalham para bloquear alguns “caminhos” que o vírus utiliza para infectar o organismo. O uso diário da medicação impede que o HIV se instale e se multiplique ⁽⁷⁾.

A PrEP não é uma medicação que pode ser usufruída por toda população, sendo a mesma indicada apenas aos grupos mais susceptíveis ao contato com o vírus. Os principais grupos de foco são os jovens com vida sexual ativa e com idade entre 18 e 26 anos, drogadictos (usuários ou dependentes de drogas ilícitas), profissionais do sexo, indivíduos privados de liberdade, homens que fazem sexo com homens (HSHs) e casais sorodiscordantes, onde um está infectado pelo vírus e o outro não ⁽⁸⁾. É importante compreender que a PrEP não protege o organismo de outras IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis), sendo então indispensável o uso de preservativos com lubrificantes durante a relação sexual ⁽⁹⁾.

O HIV não possui cura, mas sim tratamento através dos medicamentos denominados antirretrovirais e também conhecidos como TARV (Terapia Antirretroviral) ⁽¹⁰⁾. A TARV trabalha para impedir que o vírus adentre as células



TCD4+, neutralizando-o e reduzindo sua multiplicação. Através de uma rotina de tratamento adequada, o indivíduo portador do HIV pode ter uma boa qualidade de vida, evitando agravos à saúde. Em contrapartida, caso haja abandono do tratamento, o sistema imunológico pode ser afetado, o que o torna incapaz de responder às doenças oportunistas, podendo levar o indivíduo ao óbito ⁽²⁾.

Apesar do HIV estar presente na realidade do Brasil desde a década de 80, percebe-se a falta de conhecimento existente na sociedade, criando resistência ao se falar sobre o assunto. Mesmo sendo um grande avanço na ciência farmacêutica, a Profilaxia Pré-exposição (PrEP) ainda passa por uma escassez elucidatória, ou seja, pouca divulgação, pouca informação e pouco esclarecimento, o que acaba levando a baixa procura. Dessa maneira, mostra-se relevante a abordagem dessa temática.

Sendo assim, objetivou-se nesse trabalho avaliar a perspectiva dos acadêmicos das ciências da saúde de uma instituição privada de ensino superior de Rondônia a respeito da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP), bem como a superestimação do assunto, destacando as problemáticas envolvidas no acesso e no conhecimento sobre a utilização da medicação.

Materiais e Métodos

Tipo, população e área de estudo

Trata-se de um estudo epidemiológico do tipo transversal de caráter descritivo que foi realizado através de questionário físico auto aplicativo trabalhado *in loco* após sucinta explicação sobre a pesquisa, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O questionário foi ofertado a todos os acadêmicos dos cursos da área da saúde (Bacharelado em Enfermagem, em Farmácia, em Fisioterapia e em Psicologia) de uma instituição de ensino superior localizada no interior de Rondônia, após a permissão do docente presente e assinatura do TCLE pelo acadêmico.



Para elaboração do referencial teórico, foram utilizados livros, site oficial do Ministério da Saúde e sites com artigos científicos nas línguas portuguesa e inglesa, sendo todas as buscas realizadas entre dezembro de 2018 e agosto de 2019. Foram selecionados artigos em conformidade com o tema proposto os quais foram publicados nas seguintes bases de dados: SciELO (*Scientific Eletronic Library On-line*), BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), Google Acadêmico e MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System On-line*).

Como critério de pesquisa foram utilizados os seguintes descritores, em várias combinações para a pesquisa de materiais científicos: Antirretrovirais; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Fármacos Anti-HIV; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

População e amostragem

A instituição de ensino na qual a pesquisa foi realizada, de acordo com dados da sua secretaria administrativa, possui aproximadamente 1.328 alunos matriculados no ano de 2018, sendo destes 642 pertencentes aos cursos de Bacharelado em Enfermagem, Bacharelado em Farmácia, Bacharelado em Fisioterapia e Bacharelado em Psicologia. Portanto, de acordo com o cálculo amostral, aceitando-se um erro não superior a 5% e um nível de confiança de 95% resultou-se em um número amostral de 244 estudantes a serem entrevistados, para prevenir possíveis perdas ⁽¹⁰⁾.

Critério de Inclusão

Alunos regularmente matriculados, presentes em sala de aula no momento da pesquisa e com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Critério de Exclusão

Foram excluídos os acadêmicos que não se encontravam em sala de aula no momento da entrevista e os que se recusaram a participar voluntariamente da pesquisa e/ou os que recusaram a assinar o TCLE, além de questionários respondidos incompletos.



Coleta de dados

Instrumento

Foi utilizado o questionário autoaplicativo do programa Pré-Triagem PrEP Brasil, versão de 09 de junho de 2014, o qual foi adaptado para a elaboração desta pesquisa ⁽¹¹⁾.

O instrumento iniciou-se com questões referentes ao perfil acadêmico e conhecimentos destes a respeito da PrEP, o restante das questões destina-se apenas à confiança ao método.

Aspectos éticos

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, que está devidamente regulamentado através da Resolução n.º 196/1996, pretencente ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) e Ministério da Saúde (MS), com Parecer Técnico de n.º 3.268.917.

Coleta

A coleta dos dados se deu através de questionário autoaplicativo confeccionado através do *Microsoft Office Word*, disponibilizado *in loco* aos acadêmicos da área da saúde em uma instituição de ensino superior no interior do Estado de Rondônia, e ocorreu entre os meses de março e maio de 2019, sendo o tempo estimado para responder ao questionário entre 10 a 15 minutos. O questionário somente foi disponibilizado ao acadêmico após a assinatura do TCLE.

Análise estatística

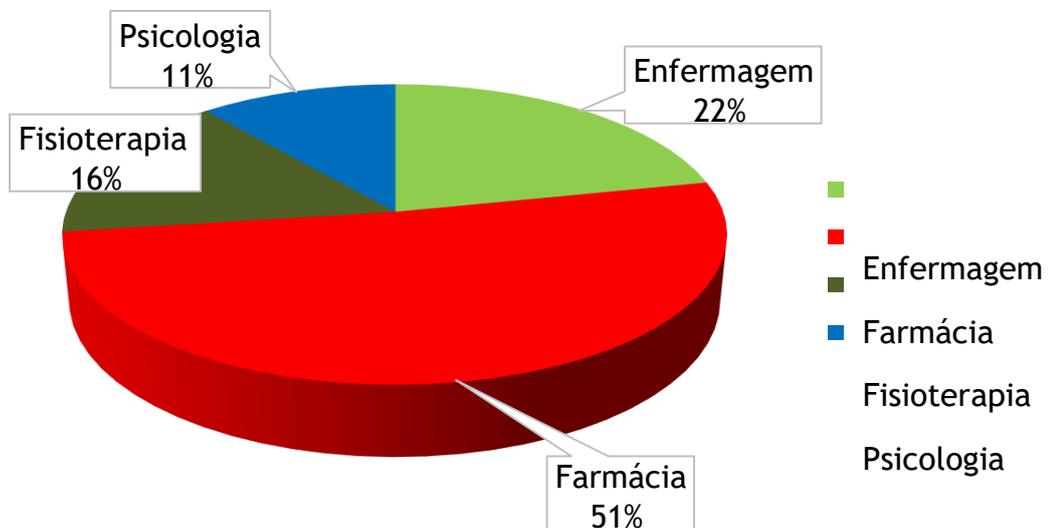
Os dados coletados através dos questionários foram convertidos em um banco de dados utilizando-se o software *Microsoft Office Excel 2013*. Os dados tratados serão apresentados, na forma descritiva, com números absolutos e percentuais, em gráficos, para melhor visualização.



Resultados e Discussão

Participaram dessa pesquisa 244 acadêmicos, sendo 77% (n=188) do sexo feminino e 23% (n=56) do sexo masculino. A maior parte dos dados colhidos foram no curso de farmácia (**Figura 01**).

Figura 01 - Distribuição do questionário entre os cursos



Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Em relação ao uso do preservativo, o que nos chama atenção são as dúvidas dos participantes em referência à segurança que o método oferece para a proteção contra a infecção pelo HIV. Quando questionados quanto à eficácia do preservativo para proteção da infecção pelo HIV, 27% (n=65) dos estudantes participantes da pesquisa alegam que não confiam em relação sexual protegida. Essa realidade é preocupante, uma vez que o preservativo é o método mais eficaz de proteção contra o HIV e as outras IST's, apresentando 95% de segurança e eficácia ⁽¹²⁾.

Estudos realizados pela Revista Saúde em 2013 através da Gensis Panel, corporação especializada em análise de mercado, onde entrevistou mais de 2 mil indivíduos em todo o Brasil, 52% (n=1040) raramente ou nunca utilizaram preservativos, 11% (n=220) utiliza às vezes e, apenas 37% (n=740) sempre fazem uso

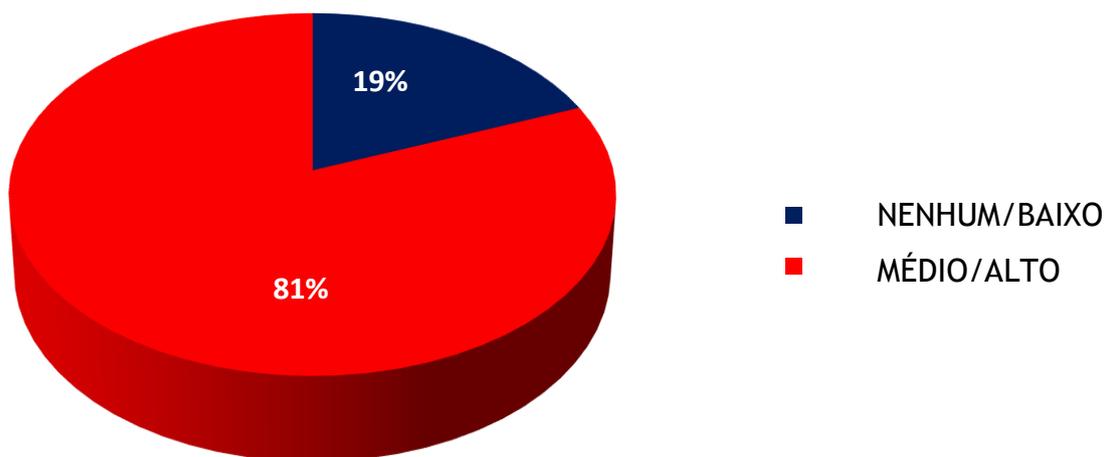


de preservativos nas relações sexuais ⁽¹³⁾. Esses dados corroboram com nossa pesquisa, uma vez que 27% (n=65) dos entrevistados não confiam nesse método de prevenção.

O MS assinala que o preservativo é a melhor estratégia de prevenção às IST's, seu uso junto aos lubrificantes íntimos reduz em 95% o risco do indivíduo se infectar, independentemente do tipo de relação sexual, seja sexo anal receptivo (**Figura 02**), anal insertivo (**Figura 03**) ou sexo oral com ejaculação (**Figura 04**).

O gráfico apresentado na **Figura 02** mostra a opinião dos acadêmicos entrevistados sobre o risco considerável de infecção pelo HIV algumas práticas sexuais.

Figura 02 - Sexo anal receptivo (passivo) sem proteção



Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Dados apresentados através de uma análise exposta na edição *on-line* do *International Journal of Epidemiology*, mostram que o risco de infecção pelo HIV durante uma relação sexual anal será aproximadamente 18 vezes maior que em uma relação sexual vaginal ⁽¹⁴⁾.

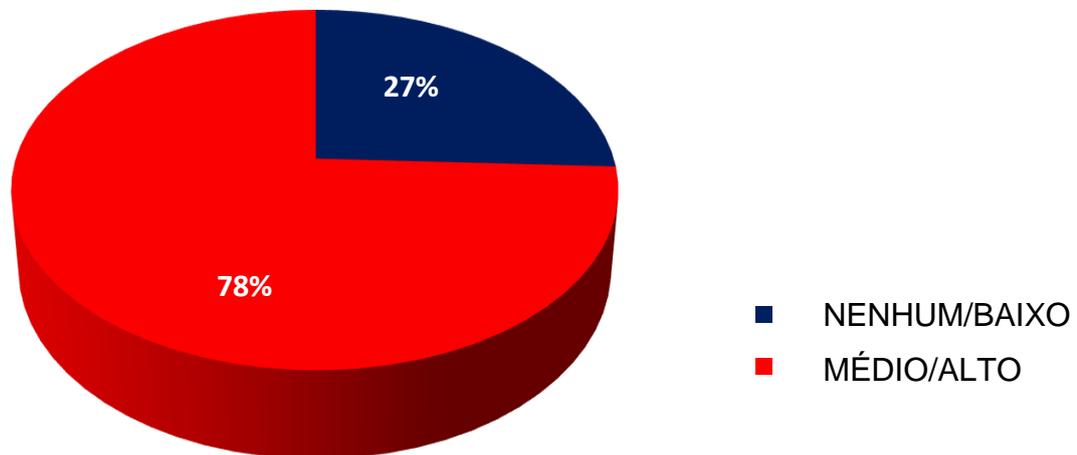
As relações sexuais anais estão diretamente relacionadas com o aumento da prevalência na epidemia do HIV, principalmente entre os gays e bissexuais. Além disso, uma percentagem resumida de heterossexuais com relações sexuais anais tendem a usar o preservativo com menor frequência neste tipo de relação em



comparação ao sexo vaginal o que poderar contribuir para uma epidemia entre os heterossexuais.

Uma pesquisa se abarcou acerca da transmissão do vírus em casais homens gays sorodiscordantes com dois tipos de relações sexuais (insertivas e receptivas), resultou que 40% dos parceiros receptivos foram infectados, classificando o sexo receptivo como médio risco ⁽¹⁵⁾.

Figura 03 - Sexo anal insertivo (ativo) sem proteção

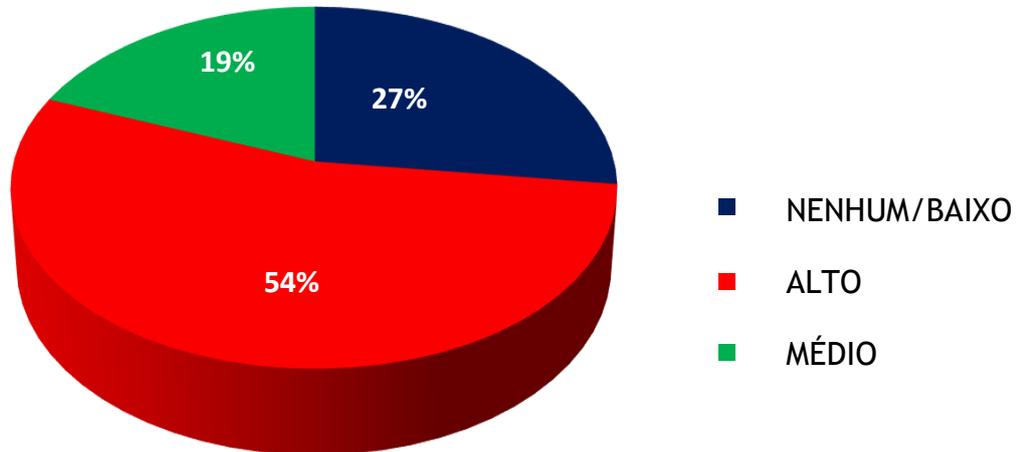


Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

No Gráfico da **Figura 03**, podemos observar que 27% (n=65) dos participantes, acreditam que o sexo anal insertivo sem proteção traz nenhum ou baixo risco de se infecção, e 78% (n=190) dos participantes acreditam haver um risco médio a alto. Esses dados corroboram com outros estudos que encontraram uma taxa de infecção para o sexo anal insertivo de 22%. Essas informações corroboram com a hipótese que o sexo insertivo é significativamente menos arriscado que o receptivo, portanto, classificado como baixo risco ⁽¹⁵⁾.



Figura 04 - Sexo oral com ejaculação



Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Analisando a **Figura 04**, podemos observar que a maioria dos estudantes 54% (n=132) acredita que o sexo oral com ejaculação forneça alto risco de infecção. Esses dados se dissociam com pesquisas e estudos da UNAIDS de 2018 que determinou o risco de infecção não ultrapassa 0,04% no sexo oral e, onde a proporção é de 4:10000 indivíduos contaminados pelo HIV por essa prática sexual, demarcando-se assim que se trata de uma relação sexual de baixo risco de infecção.

Dentre as estratégias de proteção e prevenção às IST's, a PrEP se destaca no controle da infecção pelo vírus HIV. Essa estratégia já foi implementada em diversos países, apresentando-se eficaz se usada de maneira correta, porém, cada paciente precisa ser minuciosamente acompanhado, levando em consideração que existem alguns relatos de falha no método ⁽¹⁶⁾. Outro ponto levantado na pesquisa, foi a avaliação sobre o conhecimento dos discentes em relação à PrEP, na qual evidenciou que a grande maioria, 81% (n=198) dos acadêmicos nunca obtiveram informações sobre esse método de prevenção, mostrando assim que há uma real necessidade de divulgação sobre a PrEP, o que pode ser justificado por outros estudos, que afirmam haver resistência nessa divulgação, até mesmo entre os profissionais de saúde, onde afirmam que a divulgação e a compreensão do assunto por parte da população pode levar a uma redução na prevenção primária das IST's ^(17,1).



Verificamos, portanto, a importância de atingir o maior número de pessoas com as informações a respeito do PrEP, a fim de elevar o conhecimento da medicação, para que compreendam todos os métodos preventivos de cuidados da saúde disponíveis. Devemos também abolir o preceito que não é possível conviver sem o vírus, conforme estudos randomizados e de diferentes pesquisadores, o PROUD, conduzido na Inglaterra e o IPERGAY na França e no Canadá, que comprovaram a eficácia da PrEP de em média 86% dos casos ⁽¹⁸⁾.

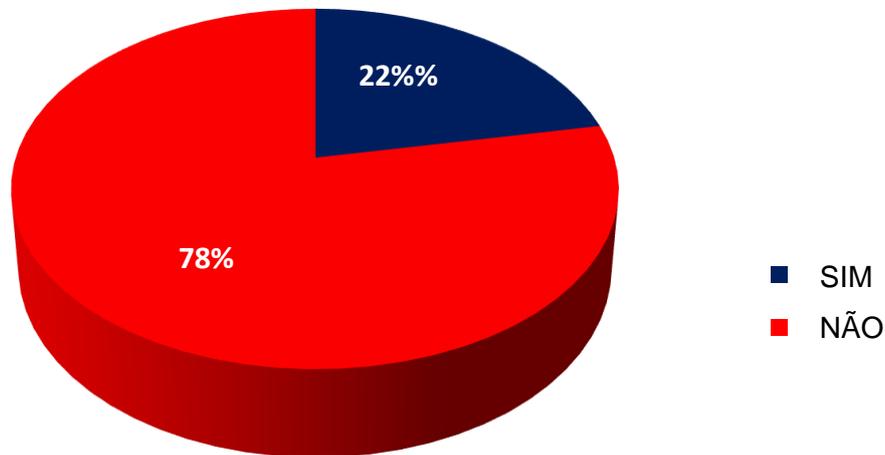
Em relação ao nível de confiança e de eficácia da PrEP, 49% (n=119) dos acadêmicos não confiam na sua eficácia para proteção ao vírus HIV e 41% (n=100) não estariam dispostos a utilizar essa estratégia de prevenção. A justificativa para essa grande desconfiança seria, talvez, pela desinformação sobre esta profilaxia, que se faz importante para compreender como a mesma é desenvolvida, qual o seu objetivo e sua eficácia ^(1,9).

Estudos apontam um aumento preocupante de contágio por outras IST's nos últimos anos, principalmente de: clamídia, gonorreia e hepatites B e C, esses dados são um alerta para a importância de não abolir o uso de preservativos (Figura 05) como fonte de prevenção das IST's, já que a PrEP se mostrou eficaz apenas ao combate do HIV ⁽¹⁹⁾.

Nos apontamentos que questionam sobre o uso do preservativo como principal método de prevenção (Figura 05), a grande maioria dos acadêmicos 78% (n=190) confiam no uso de preservativo como método preventivo. Todavia, mesmo a PrEP se apresentando promissora na profilaxia do HIV, apenas 4% (n=10) admitem que a utilizam como estratégia de prevenção. A medicação deve ser observada como uma estratégia de prevenção, que não isenta os indivíduos de manterem os demais cuidados nas relações sexuais, como por exemplo, o uso do preservativo e isso deve ser amplamente idexado nas políticas de prevenção de HIV/AIDS que tenham grande alcance populacional para que haja maior esclarecimento ⁽²⁰⁾.



Figura 05 - Abandonariam o uso de preservativo no uso da PrEP



Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Quando questionados sobre o uso da PrEP, 4% (n=10) responderam que a utilizam como estratégia de prevenção. Não se pode afirmar por meio desses dados se estes estudantes são companheiros de parceiros soropositivos e fazem uso desta TARV como garantia de proteção, ou não compreenderam bem a questão elucidada na pesquisa, haja vista que o resultado ainda está em progresso e a medicação ainda é uma novidade na sociedade, e confrontando ao fato de que em Rondônia, até o presente momento, a PrEP está sendo distribuída apenas para casais sorodiscordantes.

Conclusões

Este estudo possibilitou o conhecimento mais abrangente acerca da eficácia da PrEP. Percebe-se que são necessários avanços sobre a temática do HIV, pois a mesma vem sempre permeada de preconceitos e estigmas, com insinuações e julgamentos indevidos, principalmente contra os gays, trans, profissionais do sexo e outros.

A PrEP se configura como uma estratégia de prevenção contra o vírus HIV, disponível no Brasil desde 2018, e possui eficácia comprovada. Ainda há escassez de procura por aqueles que desejam se prevenir e evitar a proliferação do vírus HIV.



Vale ressaltar que esta profilaxia é pouco conhecida, principalmente no meio acadêmico, fazendo-se fundamental a necessidade da ampliação e da divulgação do assunto dentro das instituições de ensino superior e nos debates relativos às políticas públicas e educativas de saúde para a prevenção do HIV.

A baixa adesão a este tratamento pode estar atrelada ao fato de que o SUS ainda está em fase de adaptação para difundir a PrEP de maneira pontual, pelo alto custo do tratamento que deve ser contínuo e sem interrupções, ou ainda pela falta de conhecimento e informação. Somente a difusão do conhecimento proporcionará às pessoas uma reflexão e quebra de tabus diante do assunto, uma melhor compreensão sobre a dinâmica da PrEP, sua metodologia de prevenção, de confiança e de eficácia.

Como qualquer outra medicação, a PrEP também possui alguns efeitos colaterais, porém, não lhe isenta de se apresentar segura e eficaz. Dentre os sintomas adversos, poderão surgir em curto prazo desconfortos estomacais e intestinais, dentre os quais náuseas, flatulências ou gases, diarreias e dores estomacais, que podem evoluir para comprometimentos das funções renais e dos ossos.

É importante ressaltar que a PrEP não poderá ser substituída pelo uso de preservativos, pelo contrário, a combinação de métodos preventivos garante um melhor resultado e uma melhor proteção. Não obstante ainda, o preservativo previne não somente o HIV como outras IST's. Existe ainda uma preocupação com a gravidez que não pode ser prevenida pela PrEP.

O estudo mostrou que o HIV continua sendo o vilão entre as IST's, causando maior medo do que outras infecções. Acredita-se que se houver uma maior divulgação, onde a população seja informada e tenha conhecimento sobre a PrEP haverá uma redução na prevenção primária desta IST, o que se torna totalmente relevante, uma vez que a população precisa acreditar que melhor que conviver com o HIV é viver sem o HIV.



Este estudo poderá servir como base para a realização de novos trabalhos com amostras mais representativas da população universitária e também poderá abrir caminhos para novas discussões capazes de conduzir para a inserção da temática de prevenção à IST/AIDS nos diversos cursos pelas instituições de ensino superior. Assim, como toda pesquisa científica e acadêmica, este estudo poderá servir como referência base para pesquisas futuras que visem a implementação e a implantação de políticas públicas planejadas para a área da saúde, que discutam e defendam a prevenção das IST/AIDS no contexto universitário.

Referências

1. Mendonça PV. Profilaxia de pré-exposição na infecção por HIV-1 [dissertação]. Lisboa: Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz; 2017.
2. Rocha JS, Port ME, Leite ME, Borges NMP, Freitas YJF, Bernardes CTV. Análise da profilaxia pré-exposição para HIV. CIPEEX. 2018;2:974-977.
3. Antunes F. Avanços na terapia anti-retroviral. Acta Med. Port. 2012;3(25):193-196.
4. Silva AFC, Cueto M. HIV/Aids, os estigmas e a história. História, Ciências, Saúde - Manguinhos. Rep Inst Fiocruz. 2018;25(2):311-314.
5. Grangeiro A, Ferraz D, Calazans G, Zucchi EM, Díaz-Bermúdez XP. O efeito dos métodos preventivos na redução do risco de infecção pelo HIV nas relações sexuais e seu potencial impacto em âmbito populacional: uma revisão da literatura. Rev Bras Epidemiol 2015;18:43-62. <https://doi.org/10.1590/1809-4503201500050005>
6. Oliveira DKS. Prevenção combinada - eu falo sobre [dissertação]. Aracaju: Universidade Federal Rio Grande do Norte/UFRN; 2017.
7. Ferreira TELR, Neto JASP. Na contramão da informação preventiva: desinformação sobre prevenção de HIV/AIDS. Biblionline. 2018;3(14):3-13.
8. Rachid M, Schechter M. Manual de HIV/Aids. 10 ed. Rio de Janeiro: Thieme Revinter; 2017.
9. Luppi CG, Gomes SEC et al. Fatores associados à coinfeção por HIV em casos de sífilis adquirida notificados em um Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids no município de São Paulo. Epidemiol e Ser de Saúde.



2018;27(1). <https://doi.org/10.5123/S1679-49742018000100008>

10. Santos MLA. Estudos químicos-computacionais, farmacocinéticos e toxicológicos in silico de derivados azaindóis do ácido hidroxâmico, inibidores da enzima integrase do HIV [dissertação]. Niterói: Universidade Federal Fluminense/UFF; 2014.
11. Ministério da Saúde (BR). Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para profilaxia pré-exposição (PrEP) de risco à infecção pelo HIV. Brasília: Ministério da Saúde; 2018.
12. Plutarco LW, Meneses GO, Arruda CM, Holanda LC, Santos WS. A influência da confiança no parceiro na decisão do uso da camisinha. *Psic, saúde e doença*. 2019;20(1):220-233. <http://dx.doi.org/10.15309/19psd200118>
13. Bordignon MNFD, Liberali R, Bordignon JCP. Causas da não utilização de preservativos nas práticas sexuais de adolescentes: revisão integrativa. *Rev enferm*. 2017;11(1):2017-2013.
14. Ministério da Saúde (BR). Boletim epidemiológico HIV/Aids. Brasília: Ministério da Saúde; 2017.
15. Mee P, Kahn K et al. O desenvolvimento de uma epidemia localizada de HIV e a carga de mortalidade excessiva associada em uma área rural da África do Sul. *Saúde global, epidemiol e genômica*. 2016;1. <https://doi.org/10.1017/ghg.2016.3>
16. Parsons JT, Rendina HJ, Lassiter JM, Whitfield THF, Starks TJ, Grov C. Uptake of HIV pre-exposure prophylaxis (PrEP) in a national cohort of gay and bisexual men in the United States: the motivational PrEP cascade. *J acquir immune defic synd*. 2017;74(3):285-292. <https://doi.org/10.1097/qai.0000000000001251>
17. Ferrari FC. A emergência da profilaxia pré-exposição (PrEP): uma narrativa sobre diferentes engajamentos com a produção do saber científico na prevenção ao HIV [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRS; 2016.
18. Conde MS, Vivancos MJ, Guillén SM. Pre-exposure prophylaxis (PrEP) against HIV: efficacy, safety and uncertainties Profilaxis preexposición (PrEP) frente al VIH: eficacia, seguridad e incertidumbres. *Farm Hosp*. 2017;5(41):630-637.
19. Ministério da Saúde (BR). Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP). Brasília: Ministério da Saúde; 2017.
20. Pinheiro TF, Calazans GJ, Ayres JRCM. Uso de Camisinha no Brasil: um olhar sobre a produção acadêmica acerca da prevenção de HIV/Aids (2007-2011). *Temas em Psicologia*. 2013;3(21):815-836.